

# BOLETIM GRUPO CURUMIM

*Por todas as mulheres, por todos os direitos*

## GUIA do Boletim

Pág 02 - Jovens e  
participação social

---

Pág 04 - Redução de  
danos: Perspectivas  
para 2023

---

Pág 05 - Um recado  
para esperar e  
entrelaçar

---

Pág 07 - Mulheres  
do campo e a luta  
por direitos

---

Pág 10 - Papo Reto  
para 2023

---

Pág 11 - Desafios  
para alcance dos  
Direitos Sexuais e  
Reprodutivos

-Curuminhas em um  
ano de realizações!



## EDITORIAL

*Por Elisa Aníbal*

**Queridas leitoras e leitores do Grupo Curumim,** apresentamos nesta edição do boletim textos de opinião e entrevistas, que se debruçam sobre as expectativas para um ano tão desafiador quanto o ano de 2023 apresenta ser.

O Boletim N° 03/2022 faz parte de uma série de informativos que foram lançados pelo Grupo Curumim a partir de 2022, que tem como objetivo colocar em pauta e fomentar reflexões sobre contextos que interferem na qualidade de vida das meninas e mulheres, em especial, quanto à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos, a educação, a laicidade do Estado, ao racismo, as violências de gênero, a pobreza, dentre outros.

Buscamos referenciar os diversos sujeitos e sujeitas políticos parceiros e suas respectivas atuações no cenário local e/ou nacional. Uma leitura sistêmica dos desafios colocados, as possibilidades de saídas e caminhos a seguir.

Queremos que este material informativo, construído com afinho e carinho para aquelas e aqueles que seguem do nosso lado ao longo de 33 anos de história acompanhando nossas ações nas redes e nas ruas, nas escolas e praças, chegue em momento oportuno, a fim de embasar análises de conjuntura e ações para o ano de 2023.



FOTO: REPRODUÇÃO

# Jovens e participação social

*Por Suzana Santos*

O Fórum das Juventudes de Pernambuco (FOJUPE), se propõe a ser um espaço de adesão, autogestionado da juventude e para a Juventude pernambucana. Foi criado em 2010, com o objetivo de aprofundar os entendimentos sobre as condições sociopolíticas das juventudes em Pernambuco, apresentando-se como um espaço para aprofundamento, formação e diálogo onde os/as jovens podem criar e pautar os embates necessários para formular e propor ações no âmbito das políticas públicas que atendam as juventudes nos seus mais diversos territórios e especificidades.

Em sua composição o FOJUPE conta com jovens rurais e urbanos, quilombolas e indígenas, antiproibicionistas e população LGBTQI, oriundos do Sertão, Agreste, Zona da Mata e Região Metropolitana do Recife (04 Regiões de Desenvolvimento do Estado), representações de mais de 50 coletivos/ grupos/ organizações juvenis e de apoio às juventudes. Também participam do Fórum na condição de apoio e assessoria técnica diversas organizações que atuam com juventudes e Direitos humanos como Diaconia; Etapas – Equipe Técnica de Assessoria,

Pesquisa e Ação Social; FASE; Equip; Gajop; Centro Sabiá; Casa da Mulher do Nordeste; Fetape – Federação dos Trabalhadores rurais agricultoras e agricultores familiares do estado de Pernambuco, dentre outras que atuam para o fortalecimento dessa articulação.

Numa perspectiva Paulo Freiriana, do nosso lugar enquanto ativista, bem como, difusores de conhecimento precisaremos contribuir com a reeducação das massas, bem como, com o estímulo para uma maior participação social de modo a colaborar com o redirecionamento da vida social visto nossas bases ideológicas e éticas. Significa dizer que, os próximos anos serão desafiadores pois, compreendemos que precisaremos assumir uma postura singular frente as seqüelas deixadas pelo bolsonarismo para assim reestabelecer o projeto de sociedade mais plural e equitária.

Compreendendo que as ações do Fórum caminham também por meio do apoio das organizações que atuam com as juventudes, visto que ainda estamos em janeiro, muitas dessas pessoas encontram-se no regime de férias coletivas.



**As ações do FOJUPE caminham também por meio do apoio das organizações que atuam com as juventudes**

Suzana Santos

Porém temos o hábito de realizar reuniões periódicas, que estão previstas para serem realizadas a partir de fevereiro/março onde iremos pautar, inclusive, nosso planejamento de atividades.



Mulher cis, negra, bissexual e moradora da periferia de Camaragibe, Suzana é formada em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco, pesquisadora, educadora social e produtora cultural

“

**Precisaremos assumir uma postura singular frente as seqüelas deixadas pelo bolsonarismo para assim reestabelecer o projeto de sociedade mais plural e equitária.**

Suzana Santos

# REDUÇÃO DE DANOS: PERSPECTIVAS PARA 2023

*Por Priscilla Gadellha*

É chegada a hora de acabar com o castigo as pessoas que usam drogas, bem como com a proibição que nega informação, prevenção e educação. O modelo bélico, moralista e segregador posto em relação as diversas substâncias tornadas ilícitas, caminha para uma continuidade de guerra que penaliza pessoas por seus comportamentos, inviabilizando uma cultura de cuidado, tolerância e autonomia, impedindo o desenvolvimento de estratégias de educação relacionadas ao uso de drogas, produzindo traumas e dores, que se alastram em nosso país, desde a abolição.

A continuidade da guerra as drogas é a continuidade do modelo colonial que explorou nosso país e continente, que matou e vem matando diversos grupos, entre eles a população negra, indígena e quilombola.

Construir estratégias e políticas com o olhar da redução de danos, pode nos potencializar enquanto sociedade que cuida, protege e educa sua população, com o viés do respeito e do cuidado coletivo.

A redução de danos se afirma como uma tecnologia de cuidado e segue sua caminhada de mudança de paradigma, onde a horizontalidade possa construir sabedoria, educação entre pares e autonomia para os usos e prazeres, sendo bem acompanhada de informação de qualidade, dados de realidade e reconhecimento de limites.

Trabalhamos na possibilidade de maior integração e intersecção do cuidado para além do uso de drogas., sendo uma tecnologia possível a diversas vivências e necessidades. Sempre importante e necessário registrar a construção das pessoas que usam drogas, que construíram o conceito e as ferramentas básicas para o nosso trabalho na América Latina, que se distingue das práticas do continente europeu. Denunciamos continuamente o modelo imposto de guerra as drogas, que impede o desenvolvimento de nosso continente, matando nossa juventude, através do racismo estrutural que constrói a sociedade brasileira.

Com a retomada dos processos democráticos, entendemos a necessidade urgente de mudança no entendimento sobre a redução de danos e a gestão de prazeres, que se apresentam juntas, mas com a proibição os danos se alastram por caminhos previsíveis e imprevisíveis, impedindo assim nosso desenvolvimento social, humanitário e científico.

“

**(...) Construir estratégias e políticas com o olhar da redução de danos, pode nos potencializar enquanto sociedade que cuida, protege e educa sua população, com o viés do respeito e do cuidado coletivo.**



Priscilla Gadellha Moreira é Psicóloga e supervisora clínica, redutora de danos e feminista Antiproibicionista. Coordenadora da Escola Livre de Redução de Danos e ativista Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas



## Um recado para esperançar e entrelaçar

FOTO: REPRODUÇÃO

### JÁ DIZIA PAULO FREIRE “A ESPERANÇA É UM VERBO QUE EXIGE AÇÃO”.

*Por Daniela Mendonça*

A Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco (AMOTRANS) atua desde 2008 contribuindo para a defesa e consolidação dos Direitos Humanos de travestis e transexuais, tendo em vista a superação das desigualdades e da transfobia, aplicando como estratégias a visibilidade desses sujeitos políticos e a denúncia de atos discriminatórios e negligentes cometidos por agentes públicos e privados. Para tanto, atua para fortalecer as pessoas T na perspectiva do resgate de sua autoestima e conquista de autonomia e sustentabilidade. A organização atua a partir do entendimento de que para realizar tal missão, necessita estabelecer uma aliança estratégica com entidades e redes campo afins e de bandeiras progressistas, bem como estabelecer relações táticas com os poderes públicos capazes de reconhecer as pessoas T como cidadãs dignas de direitos. Além de promover a mudança no entendimento do senso comum sobre a comunidade de travestis e transexuais, por meio da inclusão e inserção dessas pessoas na sociedade, sempre mantendo a memória das travestis que lutam e deram suas vidas para outras pudessem ter seus direitos validados no presente.

Após alguns anos de instabilidade política, conseguimos avançar dando pequenos passos para conquistar novos espaços, realizando grandes parcerias, como a Secretaria da Mulher do Estado de Pernambuco, a Prefeitura do Recife, entre tantos outros apoiadores, que acreditam na nossa pauta e na nossa instituição. Conseguimos desenvolver uma nova sede, agora maior, possibilitando mais atividades e mais projetos para beneficiar a comunidade Trans e também de mulheres lésbica e bissexuais. Em 2023, o ano que completaremos 15 anos de atividade, desejamos não somente permanecer com as atividades e projetos atuais, mas realizar novas oportunidades, sabendo que nossa população tem direito e merece todas as portas possíveis.

Começaremos o ano de 2023 com o mês de atividades voltadas para a visibilidade trans, com um espetáculo teatral, O Boteco e a Dona, que faz história, sendo o primeiro espetáculo produzido por travestis e transexuais, a pisar no palco do Teatro Santa Isabel. Teremos também a décima edição da Semana Nordestina da Visibilidade Trans, com atividades na região metropolitana e no e no agreste do estado, com atividades

“

**Em 2023,  
desejamos não  
somente  
permanecer  
com as  
atividades e  
projetos atuais,  
mas realizar  
novas  
oportunidades,  
sabendo que  
nossa  
população tem  
direito e  
merece todas  
as portas  
possíveis.**

Daniela Mendonça



## Um recado para esperançar e entrelaçar

sócio culturais, principalmente homenageando nomes que fizeram e fazem a diferença na comunidade trans de Pernambuco. Ao longo do ano, desejamos realizar grandes atividades ao público, principalmente a inauguração de um espaço cultural junto a sede, que levará o nome de Sharlenne Esse, uma das primeiras trans do teatro pernambucano.

Imaginar que em anos atrás que conseguíamos alcançar tantas conquistas, parecia impossível, e mesmo que ainda hoje não temos as mesmas condições que a sociedade cisheteronormativa, nós estamos na luta contra o CISTema, hoje nós temos a oportunidade de construir o amanhã que desejamos, porque já conseguimos nos ver em espaços de poder. A AMOTRANS, sonha que os próximos 15 anos sejam cada vez mais férteis e que possamos olhar pra trás e só sentir orgulho das conquistas individuais e coletivas, mas sempre lembrando e reverenciando aquelas e aqueles que deram suas vidas pela luta.



Maria Daniela, travesti, sapatrans, mãeconheira, transfeminista, engenheira agrônoma, extensionista rural, e articuladora política da Rede Nacional de Feministas Antiproibicionistas/RENFA e Articulação e Movimento para Travestis e Transexuais de Pernambuco/AMOTRANS. Atualmente compondo os CEDPLGBT, CEDIM e CTMT/SecMulher de Pernambuco

“

**Hoje nós temos a  
oportunidade de  
construir o  
amanhã que  
desejamos, por que  
já conseguimos  
nos ver em espaços  
de poder**

Maria Daniela



FOTO: JOKA MADRUGA/FOTOS PÚBLICAS

## Mulheres do campo e a luta por direitos

### ENTIDADE ATUA EM DEFESA DA AGRICULTURA FAMILIAR

Por Mazé Morais

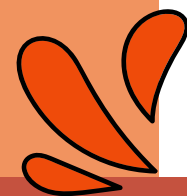
A **Confederação dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares** (Contag) foi fundada em 1963 e coordena um sistema composto por 27 Federações estaduais e mais de 4.000 Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais, que representa e luta pela garantia, manutenção e ampliação de direitos de mais de 15 milhões de trabalhadores rurais agricultores e agricultoras familiares no Brasil.

A atuação da entidade é bastante ampla e abarca ações voltadas para juventude, mulheres, pessoas da meia idade e da terceira idade. Historicamente, Sindicatos, Federações Contag lutaram e permanecem firmes na luta, por melhoria da qualidade de vida no campo, reivindicando, construindo e negociando políticas públicas nos municípios, nos estados e nacionalmente, apresentando demandas, negociando e garantindo diversas conquistas para os trabalhadores rurais

agricultores familiares. Ou seja, a atuação da Contag vai desde o enfrentamento cotidiano dos problemas e demandas que atingem a categoria a qual representa, como questões relacionadas à produção e renda, a infraestrutura, saúde, educação, transporte, ao acesso à terra, à água, à moradia, à aposentadoria ou a condições dignas de trabalho para homens e mulheres, entre outras; até a proposição e negociação de políticas públicas no âmbito federal.

Os desafios são muitos, mas para nós, mulheres do campo, da floresta e das águas, o maior desafio, considerando a atual conjuntura, talvez seja continuar protagonizando o debate sobre democracia participativa e soberania popular, e propondo caminhos de superação das desigualdades. Entendemos que para transformar o país será necessário que o próximo governo tenha capacidade de recuperar os desmontes que o país vem sofrendo

**Segundo o último Censo Agropecuário do IBGE, a agricultura familiar do Brasil abrange 3.897.408 estabelecimentos rurais. São 77% dos estabelecimentos agrícolas do país, ocupando mais de 10 milhões de pessoas, responsáveis por parcela expressiva da oferta dos alimentos básicos da mesa dos brasileiros/as.**



desde 2016, agravados no Governo Bolsonaro. E para que isso ocorra é necessário construir esse projeto com a luta das mulheres, suas bandeiras e proposições, que se expressam na Plataforma Política da Marcha das Margaridas que anuncia um projeto popular, democrático, feminista, antirracista e agroecológico. Assim, precisamos continuar articuladas e em diálogo;

No próximo ano iremos priorizar as ações que visam a construção da ação maior que é a Marcha das Margaridas 2023.

Reconhecemos a Marcha das Margaridas como um caminho coletivo de transformação social e como uma das mais fortes expressões de resistência à violência, à opressão e ao racismo estrutural que vivenciamos, pelo simples fato de sermos mulheres. A Marcha das Margaridas é uma ação estratégica conduzida e protagonizada por mulheres trabalhadoras rurais do campo, da floresta e das águas, que ocorre a cada quatro anos, com a finalidade de construir visibilidade pública e conquistar reconhecimento social e político. Ela é coordenada pela Confederação Nacional de Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares (CONTAG), suas 27 Federações e Sindicatos filiados, e se constrói em parceria com outros coletivos e movimentos feministas e de mulheres trabalhadoras, centrais sindicais e organizações internacionais.

No próximo ano a Marcha sairá com o lema: “Margaridas em Marcha pela reconstrução do Brasil e pelo bem viver” mobilizadas por **13 eixos políticos**:

1. Por democracia participativa e soberania popular;
2. Por poder e participação política das mulheres;
3. Pela democratização do acesso a terra e garantia dos direitos territoriais e dos maretórios;
4. Pela autodeterminação dos povos, com soberania alimentar, hídrica e energética;
5. Por uma vida saudável com agroecologia e segurança alimentar e nutricional;
6. Pelo direito de acesso e uso da biodiversidade e em defesa dos bens comuns;
7. Pela proteção da natureza e por justiça ambiental e climática ;
8. Por autonomia econômica, inclusão produtiva trabalho e renda;
9. Por uma educação pública não sexista e antirracista e pelo direito à educação do e no campo;
10. Por saúde, previdência e assistência social pública, universal e solidária
11. Pela universalização do acesso à internet e inclusão digital;
12. Por uma vida livre de todas as formas de violência, sem racismo e sem sexismo;
13. Pela autonomia e liberdade das mulheres sobre o seu corpo e a sua sexualidade



**Os desafios são muitos, mas para nós, mulheres do campo, da floresta e das águas, o maior desafio, considerando a atual conjuntura, talvez seja continuar protagonizando o debate sobre democracia participativa e soberania popular**

Mazé Morais



## Mulheres do campo e a luta por direitos

O conjunto desses eixos apresentam irão compor uma pauta de reivindicações que será entregue ao presidente Lula.

Só nós sabemos o que vivemos nos últimos anos. Vivemos momentos sombrios e de muitas incertezas. Nas lutas por sobrevivência, mesmo vivendo às margens e atravessadas por um projeto político de morte, nós atuamos incansavelmente em defesa da vida, construímos nossas histórias, protagonizamos a luta em defesa dos nossos direitos, resistimos e procuramos formas de nos organizar a partir de questões do nosso cotidiano. Nós mostramos que há resistências! E conseguimos eleger um Governo Democrático Popular, representado na figura do Presidente Lula. E juntas, com esperança e alegria traduziremos nossos problemas em propostas de mudanças para uma vida digna.

Seguimos acreditando que a ousadia, a solidariedade e a criatividade de cada mulher Margarida florescerá ainda mais forte e jogará sementes férteis para mudar a vida de cada uma de nós, mulheres trabalhadoras do campo, da floresta e das águas, das cidades e periferias. E nesse entrelaçar de luta, mas também de esperança, levaremos às ruas e em todo lugar onde atuamos, a nossa força coletiva para mostrar que nós somos fundamentais para definir um projeto de sociedade para o Brasil. Um projeto que recupere e reconstrua a democracia, que reverta os retrocessos dos últimos anos e que reorienta a economia para a sustentabilidade da vida, colocando o Estado e as políticas públicas a serviço da construção da justiça social, abrindo caminho para a sociedade do amor, do bem-viver e do envolvimento.

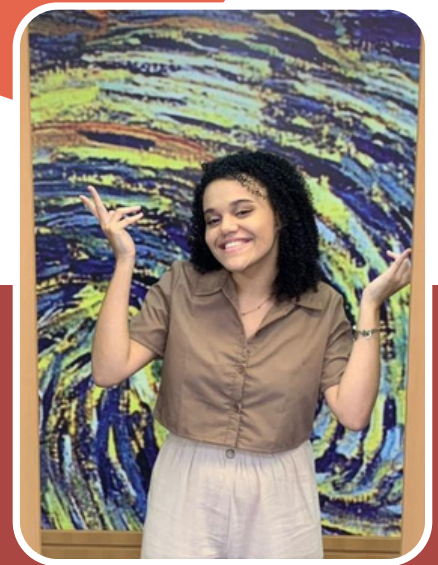


**Maria José Morais Costa, mais conhecida como Mazé Morais, 39 anos. Desde 2017, Mazé Morais é Secretária de Mulheres da CONTAG e coordenadora geral da Marcha das Margaridas**



# PAPO RETO PARA 2023

*Por Alice Amorim*



Sou Alice Amorim, mulher jovem, negra e moradora da periferia do Recife. Este lugar que ocupo na sociedade é marcado pela violência, racismo, desigualdade de gênero e social. Assim, como tantas outras meninas que vivem este mesmo cenário, nos resta ter força para enfrentar, no cotidiano, as desigualdades sociais, e cativar esperança de vivermos com dignidade.

Meu olhar de estudante cotista de serviço social da universidade pública, feminista, antirracista e anticapitalista, me permite enxergar desigualdades antes não tão visíveis, como a falta de acesso à educação de qualidade e as novas tecnologias para as meninas e mulheres jovens e a lacuna no acesso a direitos entre as que residem nas cidades e na zona rural.

É preciso que estejamos firmes para que a nossa história não se mantenha marcada pela pobreza, seja na fome, seja na falta de segurança enquanto mulheres, seja na falta de dignidade menstrual e na violência sexual vivida para meninas e mulheres. Este cenário se reflete em vários aspectos da juventude, nos impede de construir uma vida autônoma. Realidade que ultrapassa os muros dos territórios, vivenciada por meninas e jovens de muitos países onde existem desigualdades na distribuição de renda, de bens e riquezas naturais, e a força do trabalho é desvalorizada.

É preciso pressa para desestabilizar as hegemonias e eliminar todas as formas de opressão. É preciso que a juventude ocupe espaços de construção de uma sociedade democrática, espaços de deliberação sobre políticas que escute e considere a juventude, em especial as meninas negras, para que enfrentemos a pobreza com uma ação orquestrada no Brasil, na América Latina e onde houver violação de direitos.

## Desafios para alcance dos Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos

Por Paula Viana

Nunca na história desse país... Essa frase é dita pelo Presidente Lula ao falar dos avanços sociais que seus governos trouxeram para a população brasileira. Usamos agora para expressar o quanto foram marcadamente negativos, para as mulheres, meninas e pessoas LGBTQIAP+, os últimos 6 anos. Desde o golpe do impeachment da Presidenta Dilma, vimos presenciando, passo a passo, os retrocessos e grandes esforços na manutenção da chamada pauta moral, uma das bases da agenda ultraconservadora.

No que se refere à saúde sexual e reprodutiva (SSR), o avanço do conservadorismo neoliberal em todas as esferas de poder, foram e são ameaças constantes às conquistas e direitos, alguns já consolidados e outros ainda se consolidando, como o direito ao aborto legal. Com a pandemia COVID-19, essa agenda teve seu efeito mais corrosivo nos serviços de SSR sofrendo com diversas medidas

administrativas e com o abandono de referências técnicas e científicas, aumentando absurdamente os índices de mortalidade materna.

Hoje, temos um novo governo, formado por uma frente ampla democrática e que nos enche de esperanças e alegrias. Temos uma mulher à frente do Ministério da Saúde, uma sanitarista, e que já referiu à saúde sexual e reprodutiva como uma das prioridades, na reconstrução e avanço de políticas públicas do Sistema Único de Saúde (SUS).

E a luta continua, o Congresso Nacional de 2023 a 2027 será um dos mais conservadores da história recente do Brasil. Nossa esperança é que o Poder Executivo faça a sua parte garantindo métodos contraceptivos seguros, educação sexual nas escolas e acesso e qualidade na atenção às pessoas que precisam dos serviços de aborto legal, e que o Poder Judiciário

julgue inconstitucional a criminalização das mulheres que abortam.



Enfermeira, parteira e ativista pelo aborto seguro, Coordenadora colegiada do Grupo Curumim

## Curuminhas em um ano de realizações!



Sueli Valongueiro Educadora, técnica da área de enfermagem, feminista, Coordenadora do Programa Cunhatã e é íntegra a a coordenação colegiada do Grupo Curumim.

**Falar de realizações em 2022 poderia me levar a listar ou apresentar ações e resultados**, mas o epicentro das realizações é, sem dúvida, a sensação e certeza do dever cumprido para construção da democracia, de ter nutrido em nossas ações, e junto aos movimentos, as condições para a retomada de um projeto de vida humanitário. Foi uma temporada sofrida frente a tantas barbáries e crimes contra a democracia. Suportamos, de cabeça erguida e juntas, com a força dos movimentos e das nossas “pariceiras” (como diriam muitas de nossas mães e avós). Agora, vamos seguir para traçar e trançar uma nova história.

O ano de 2023 vem surgindo para as Curuminhas cheio de alegrias e expectativas. Entraremos o ano com o pé esquerdo, cheio de novidades, dentre elas vamos colocar no ar nosso novo site e vamos consolidar o sonho de criar o Centro de Formação Feminista Antirracista e Ativista do **Grupo Curumim**. *Simbora se juntar, que tem muita luta pela frente!*



- **Harriet - O Caminho para a Liberdade**

Narra a vida de Harriet Tubman, uma ex-escrava abolicionista que realizou missões para resgatar negros sulistas da escravidão em meados de 1850.



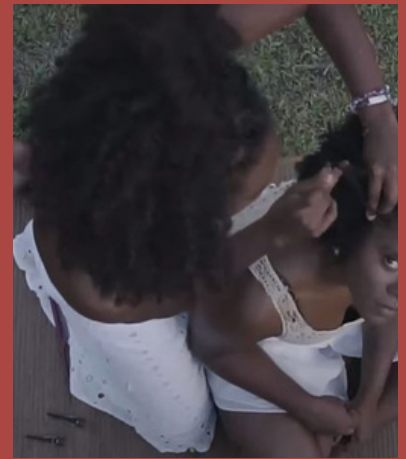
- **A Voz Suprema do Blues**

Dramatização dos bastidores da gravação de Ma Rainey, que viram o ponto de partida para as reflexões sobre raça, história e sociedade



- **O que cabe em um trançado**

No curta-metragem pernambucano, trançistas falam da relação com o cabelo como elemento de representatividade, reconstrução da identidade negra



## EXPEDIENTE:

### Boletim Grupo Curumim

ANO II | 1ª edição

Rua R. Profa. Maria da Paz Brandão Alves, 63 -

Casa Forte, Recife - PE, 52031-100

Email: [curumim@grupocurumim.org.br](mailto:curumim@grupocurumim.org.br)

### Acompanhe o Grupo Curumim:

[www.grupocurumim.org.br](http://www.grupocurumim.org.br)

Instagram: [@grupocurumim](https://www.instagram.com/grupocurumim)

Facebook: [@gcurumim](https://www.facebook.com/gcurumim)

Twitter: [@gcurumim](https://twitter.com/gcurumim)

### Coordenação colegiada do Grupo Curumim:

Sueli Valongueiro, Paula Viana, Neide Batista

Redação: Elisa Aníbal e Sueli Valongueiro

Edição: Elisa Aníbal

Projeto gráfico: Aline Araújo

Diagramação: Lenne Ferreira

Se te deixou com vergonha ou medo, #NãoEraCarinho

Dúvidas sobre direitos sexuais e reprodutivos?

Precisa de ajuda? Fala com VERA: 8198580-7506

DOE e nos ajude a continuar fortalecendo

a cidadania de meninas e mulheres:

Banco do Brasil - Agência: 3243-3 C/C: 110 .089-0

Este boletim foi elaborado com recursos do edital Trilhas do Cairo II e Fòs Feminista